

## TECNOLOGIAS DIGITAIS E COMUNIDADES SURDAS: MODOS DE INCLUSÃO NA SOCIEDADE

Leonarley Rodrigo Silva Barbosa\*  
leonarleyrodrigo@hotmail.com  
Carime Rossi Elias\*\*  
carimeel@gmail.com

### RESUMO

Este trabalho analisa alguns modos de comunicação de pessoas surdas em suas relações com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Foram entrevistados cinco surdos de várias partes do Brasil que fazem parte da Rede Social virtual *SurdosOL*. As entrevistas foram realizadas via MSN. Para discutir tal questão foi realizado um breve estudo histórico acerca dos movimentos da educação de surdos, enfatizando as discussões sobre as propostas de ensino dos métodos manualista, oralista e bilíngue. Também fundamentam as análises das entrevistas, estudos acerca de pesquisas atuais sobre a utilização das TICs pelas comunidades surdas. Os depoimentos dos entrevistados demonstram que eles utilizam o *SurdosOL* para comunicação, e também vários outros softwares e ferramentas de comunicação via Internet. As análises das entrevistas realizadas sugerem que as pessoas surdas têm utilizado tanto a linguagem escrita quanto a linguagem visual (imagens) para a comunicação entre surdos e entre estes e pessoas ouvintes, via tecnologias digitais. Muitas vezes estes dois tipos de linguagens são utilizadas simultaneamente no MSN. Os depoimentos confirmam que a Internet tem sido utilizada por pessoas surdas para a aprendizagem da LIBRAS e também da língua portuguesa. Este dado corrobora com as propostas contemporâneas de ensino bilíngue nas escolas. As pessoas surdas entrevistadas explicitam como vantagem do uso da Internet a possibilidade de se sentirem incluídas em novos espaços sociais.

**Palavras-chave:** tecnologias digitais; linguagem escrita e visual; comunidades surdas; inclusão.

### 1 AS PROPOSTAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

No final do século XVIII, Abbé de L'Epee tinha contato com os surdos<sup>1</sup> que perambulavam pelas ruas de Paris e obteve tanto sucesso na educação dos mesmos que

---

\* Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-Graduando em nível Especialização em Educação para a Diversidade e Cidadania pela Faculdade de Direito pela mesma Universidade. Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG. Proficiência no Uso e Ensino da Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\* Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia pela mesma Universidade (UFRGS).

<sup>1</sup> As expressões “comunidade surda” ou “surdos” incluem tanto o deficiente auditivo quanto o surdo. Segundo Parise (2008), a deficiência auditiva refere-se à audição parcial, ou seja, quando a pessoa possui algum resíduo de possibilidade auditiva. Quando o indivíduo não consegue diferenciar os sons e tem sua fala inibida, é considerado surdo. Os termos “mudo” ou “surdo-mudo”, atualmente, não são mais recomendados, pois a dificuldade de fala, no caso dos surdos, é uma consequência da falta de audição.

transformou sua casa em uma escola pública. Foi o primeiro a criar, em Paris, uma escola de surdos. Souza (2005) explica que o trabalho educacional de Abbé de L'Epee era fundamentado no uso dos sinais incorporando os elementos da língua falada, ou seja, fazia parte de uma filosofia manualista e oralista de ensino. Assim, Abbé de L'Epee passou a ser conhecido como o "Pai dos Surdos". (GOLDFELD, 1997).

Ao mesmo tempo, segundo Kojim e Segala (2002), na Alemanha, Heinicke defende a filosofia oralista, que valoriza a fala e percebe a surdez como deficiência que deve ser minimizada através de estímulos de audição. Tal estimulação, através de treinamento da fala e leitura labial, possibilitaria a aprendizagem da língua falada e levaria a pessoa surda a se integrar nas comunidades ouvintes e a adquirir uma personalidade de ouvinte. A proposta desta filosofia era a de volta à "normalidade", à "não-surdez" e, para isto, rejeitava qualquer tipo de gestualização, não reconhecendo a língua de sinais como a língua materna da comunidade surda. (GOLDFELD, 1997).

Nos Estados Unidos, um dos representantes da educação de surdos foi Edward Miller Gallaudet, no século XIX, que propunha o método manualista para o ensino dos surdos, de acordo com Kojim e Segala (2002). Segundo Vasconcelos (2006), este método também era utilizado por Charles Michel de L'Eppe. Tal método, em linhas gerais, consiste na utilização de gestos e sinais para o aprendizado das palavras, "gestos naturais e o alfabeto manual eram utilizados somente para nomes próprios ou termos abstratos". (VASCONCELOS, 2006, p. 27).

Um evento marcante na história dos surdos foi o Congresso Internacional de Professores de Surdos, realizado em Milão, em 1880, com a presença majoritária de professores ouvintes que defendiam o método oralista. Esses professores, educadores ouvintistas, expressavam "um conjunto de representações dos ouvintes, a partir das quais o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte". (SKLIAR, *apud* PERLIN & STROBEL, 2006, p. 07).

A grande discussão do Congresso foi acerca dos métodos que deveriam ser utilizados na educação dos surdos: o manualista, que propunha o ensino da língua de sinais, o oralismo, que propunha o ensino da língua da comunidade de ouvintes em que o surdo estivesse inserido e o método misto, que era uma combinação de ambos.

Como o Congresso teve participação majoritária de professores ouvintes, houve uma votação que decidiu, por cento e sessenta votos a favor do método oralista contra quatro a favor do manualista, que o método mais adequado para a educação de surdos era o oralista. Foi

oficialmente proibida a língua de sinais em muitos países, sob a alegação de que a mesma destruía a capacidade da fala e tornava as crianças preguiçosas. (PERLIN & STROBEL, 2006).

Segundo Perlin e Strobel (2006), o método oralista foi eleito devido ao Congresso ser patrocinado, organizado e conduzido por especialistas ouvintistas (e não pela comunidade surda). As autoras explicam que todos eram defensores do oralismo puro. De 164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 oralistas italianos, totalizando 74% dos participantes.

O impacto deste encaminhamento foi tão grande que, por quase cem anos, os surdos tiveram que se submeter às práticas ouvintistas, deixando sua cultura surda. Esse período foi chamado, segundo Kojim e Segala (2002), de “império oralista”. “Após o congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas para surdos proibindo oficialmente a língua de sinais e ali começou uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o direito lingüístico cultural” (PERLIM & STROBEL, 2006, p. 14).

Após quase cem anos de “império oralista”, em 1971, ocorreu o Congresso Mundial de Surdos, em Paris. Nele a proposta de uso da língua de sinais ganhou novamente força e foi valorizada. Discutiu-se, entre outras questões, os resultados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos sobre a “Comunicação Total”. Goldfeld (1997), explica que a “Comunicação Total” é a proposta de utilização de todas as formas possíveis de linguagem para a comunicação dos surdos. O princípio é privilegiar a comunicação, e não a língua utilizada. Deste modo, inclui gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala e escrita, leitura oral-facial, alfabeto manual como formas de comunicação. Tal proposta teria a vantagem de considerar também os possíveis restos de audição para uma melhoria na fala e na leitura oral-facial, usando os aparelhos auditivos (GOLDFELD, 1997).

Em 1975, em um Congresso realizado em Washington, igualmente os congressistas perceberam que um século de oralismo na comunidade surda não havia resolvido os problemas da educação de surdos. Constataram que, com o oralismo, os surdos eram sub-educados e que a educação oral deixava muito a desejar. Além disso, ponderaram que a comunicação gestual nunca deixou de existir entre os surdos. Iniciou-se uma nova era no processo educativo dos surdos (KOJIM & SEGALA, 2002).

Segundo Perlim e Strobel (2006), nas últimas décadas do século XX, os trabalhos de Danielle Bouvet, em Paris, e pesquisas feitas na Suécia e Dinamarca, introduziram a proposta do enfoque bilíngue na educação de surdos. “O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o

surdo deve ser Bilíngüe, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país. (GOLDFELD, 1997, p. 38).

Os autores que defendem a educação bilingue “percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüístas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez” (GOLDFELD, 1997, p. 42).

Ainda segundo Goldfeld (1997), no final de década de setenta do século XX, chega ao Brasil a proposta da “Comunicação Total”, devido à visita da educadora de surdos, Ivete Vasconcelos<sup>2</sup>. Deste modo, na década seguinte, começa a ganhar importância no país a proposta do bilinguismo sobre a Língua Brasileira de Sinais com a pesquisa da linguista Lucinda Ferreira Brito, segundo o autor (op.cit.).

## **2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E AS COMUNIDADES SURDAS**

Neste contexto mundial contemporâneo de assumir a proposta do bilinguismo como método de ensino dos surdos, também as novas tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir para a inclusão da comunidade surda.

Segundo Strobel (s/d)<sup>3</sup>, pesquisadora surda e presidente da FENEIS<sup>4</sup>, as tecnologias digitais estão facilitando a vida das comunidades surdas. A Libras<sup>5</sup> hoje está mais divulgada, mais popularizada, ganhando espaços em anúncios e propagandas políticas e, com isso, os surdos estão se integrando um pouco mais à sociedade. De acordo com a mesma autora, a Internet possibilita aos surdos um maior acesso à informação através de pesquisas e devido às possibilidades da leitura de imagens e de textos escritos (Strobel, s/d) e, pode, portanto, contribuir com este processo de integração.

---

<sup>2</sup> Universidade Gallaudet; instituição privada, americana, que realiza programas, pesquisas e estudos voltados somente para pessoas surdas. Têm como alunos, em sua grande maioria, pessoas surdas. .

<sup>3</sup> Entrevista relativa à conferência proferida no 8º Seminário do Grêmio do Instituto Nacional de Educação para Surdos (GINES), no Rio de Janeiro. <<http://www.andef.org.br/noticias/noticias27.php>>.

<sup>4</sup> Federação Nacional de Integração ao Surdo.

<sup>5</sup> Libras é a sigla da Língua Brasileira de Sinais. Sistema linguístico de natureza visual-motora com estrutura gramatical própria. Sistema linguístico que transmite ideias e fatos, proveniente das comunidades surdas do Brasil. A Libras foi reconhecida como língua através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

Rosa e Cruz (2001), a partir de uma pesquisa, afirmam que as tecnologias de comunicação e informação, em especial o uso da Internet, constituem mais uma ferramenta que potencializa o surdo na sua relação com o mundo. Os surdos podem, por exemplo, sozinhos, interagir com a informação que é buscada na Internet, diferente do que ocorria com a maioria das tecnologias tradicionais. Na Internet, o surdo pode encontrar textos que, por conter imagens, produzem efeitos visuais que podem facilitar a compreensão. Além disso, a Internet oferece a possibilidade da escrita em sinais e veicula informações em sites em língua de sinais gestual. Além disso, a pesquisa comprovou que os surdos se comunicam através de sites de conversas e relacionamento como MSN, Orkut e ICQ. (ROSA & CRUZ, 2001).

Tanto Rosa e Cruz (2001) como Parise (2008), nesta mesma defesa, mencionam a possibilidade de comunicação entre dois surdos na Internet, sem a necessidade de intérprete, o que também pode contribuir para o processo de inclusão da comunidade surda..

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) também levantam questões relativas a preconceito e discriminação no mundo digital. Segundo Rosa e Cruz (2001), na Internet, dependendo do modo de comunicação, é possível encontrar pessoas interagindo que, habitualmente, não o fariam através de comunicação oral na vida cotidiana, como por exemplo, um surdo comunicando-se com um ouvinte. “Para os surdos, isto é inserção: é poder ser surdo, sem ser discriminado, ou sem ser excluído de um mundo sonoro. Nas palavras deles: *A Internet, para os surdos, iguala todas as pessoas: pobres, ricos, surdos, ouvintes, brasileiros ou estrangeiros*”(ROSA & CRUZ, 2001, p. 43).

Os autores ainda afirmam que a utilização da rede WWW<sup>6</sup> pode servir de suporte ao surdo incluído em classe de aula de ouvintes, permitindo que o acompanhamento das falas dos professores. O professor, por exemplo, pode utilizar essa rede para ministrar seus conteúdos, permitindo ao surdo o acesso a ele (visualização de imagens, de vídeos, de textos). A Internet se torna uma fonte de apoio aos surdos, potencializando a democratização dos saberes ao possibilitar que encontrem materiais que possam ler e compreender e que se comuniquem com outros surdos e também com ouvintes.

Também pode-se encontrar na Internet os jornais mais lidos no país que, além de estarem na forma escrita, que pode ser compreendida pelos surdos, se apresentam na forma visual. Neste

---

<sup>6</sup> *World Wide Web* - Rede de Alcance Mundial, também conhecida como Web. São sistemas de documentos em hipermídia (vídeos, fotos, sons, textos, etc.) são executados e interligados pela Internet.

sentido, há uma tendência de substituição do rádio e da televisão, que necessitam de audição, pelos jornais *online* (ROSA & CRUZ, 2001). Os recursos visuais utilizados pelas tecnologias digitais, como animação de imagens e sinais gráficos, são de melhor compreensão para o surdo visto que se assemelham mais à língua de sinais que tem características espaço-visuais. (ROSA & CRUZ, 2001).

Thoma e Pellanda (2006) defendem que a inclusão digital dos surdos é importante porque permite que tenham acesso a notícias, conheçam associações, leiam jornais e revistas que tratam de questões de sua comunidade. Na cultura visual dos surdos, a comunicação através de *paggers*, celulares, computadores e outros meios digitais possuem um alto valor, pois são formas de inclusão do surdo geradas pelo avanço da ciência e da tecnologia.

Por ser muito atrativa e um meio multimídia, a Internet é usada pelos surdos como se fosse telefone para ouvintes, afirmam os autores Rosa e Cruz (2001) a partir de depoimentos de surdos que afirmam gastar horas em conversas na Internet com outros surdos ou até mesmo com ouvintes através de *softwares* como ICQ e MIRC. Assim, eles se comunicam em tempo real, com várias pessoas do seu país e do exterior, frequentam cursos oferecidos na rede, etc. Um dos depoimentos de uma surda na pesquisa realizada por Rosa e Cruz (2001) diz: “Eu conheço surdos de vários locais do Brasil e do mundo: é muito bom! [...] Uma vez eu estava em um bate-papo conversando normalmente com os ouvintes. Quando disse que eu era surda, eles levaram o maior susto! (ROSA & CRUZ, 2001 p. 44).

Nesse sentido, os autores defendem a ideia de que as marcas linguísticas que distanciavam surdos e ouvintes tendem a desaparecer quando conectados à Internet.

na Internet, sobretudo no contexto de bate-papos, a escrita utilizada pelos internautas tem que ser “rápida”. Com isso, ela se torna quase telegráfica, fazendo uso de várias abreviações, e desconsiderando-se, em alguns casos, conectivos e artigos. Além disso, mesmo a ortografia tem sido deixada de lado: como o fluxo das palavras escritas tenta simular o do diálogo falado, não há tempo para floreios, nem para se preocupar com a correção do que se escreve. Tendo-se isto em mente, não é de se estranhar que a presença de surdos nestas “conversas” não seja tão “alienígena”. (ROSA & CRUZ, 2001, p. 44).

Apesar do uso diferenciado que os internautas fazem da escrita da língua portuguesa nas salas de bate-papo, que não condiz com as normas cultas, a presença do surdo nestes ambientes pode contribuir com sua aprendizagem à medida que existe a possibilidade de ampliação de



vocabulário e de atribuição de outros significados aos signos com os quais está interagindo. (ROSA & CRUZ, 2001).

A língua portuguesa tem sido para os surdos, no uso do espaço cibernético, uma segunda língua com função social determinada. Os surdos têm aprendido a desenvolver a escrita e interpretá-la. Por esses leitores estarem inscritos no contexto dos textos, dá-se o interesse (ROSA & CRUZ, 2001, p.45).

Souza et al. (2003) expõem que as experiências realizadas no Brasil, de uso da informática por surdos, tem apresentado pontos positivos como, por exemplo, mudanças cognitivas que as tecnologias favorecem, incentivo à busca e à aquisição do conhecimento, estabelecimento de relações afetivas permitindo o surdo demonstrar seus sentimentos, emoções sem ser excluído e sociais, através da interação e relação com outras pessoas, surdas ou ouvintes, via Internet.

### 3 O QUE DIZEM OS SURDOS ENTREVISTADOS SOBRE AS TICS

As entrevistas foram realizadas *online*, através do MSN, com cinco surdos de várias partes do Brasil que participam da Rede Social Virtual *SurDOSOL*.

O instrumento metodológico utilizado para coleta de dados foi um protocolo com questões objetivas como sexo, idade, escolaridade e um questionário em forma de entrevista semi-estruturada. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a entrevista semi-estruturada ou não-padronizada, “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

As cinco pessoas entrevistadas diziam morar em diversas regiões do Brasil e mencionaram os seguintes dados:

Entrevistados	Cidades/Estados	Idade	Grau de Instrução	Nasceu surdo?
Manea	Porto Alegre-RS	61	Ensino Médio Incompleto	Não
estou pesquisa	Paranaguá-PR	30	Pós-graduado em Educação Especial	Sim
Fell	Realengo-RJ	27	Graduando em Administração	Sim
Jesk	Campina Grande-PB	21	Curso Técnico em Eletrônica	Sim
Ton: II Deaf Camp	João Pessoa-PB	21	Nível médio completo	Sim

Os surdos entrevistados foram: “Manea”, “estou pesquisa”, “Fell”, “Jesk” e “Ton: II Deaf Camp”. Todos esses são “Nicks”, ou seja, nomes usados pelos próprios entrevistados no espaço da Internet, exceto Manea e Fell, que usaram seus próprios nomes. Manea preferiu ser chamado assim pois, segundo mencionou, é seu sobrenome e Fell é um nome fictício criado pelo entrevistador. “Estou pesquisa” utilizou este nome/nick pois estava em um período de estudos e pesquisas em um curso de Pós-Graduação, segundo informou. Para facilitar a leitura, “estou pesquisa” é chamado de EP e “Ton: II Deaf Camp”, de Ton. O nome do entrevistador foi mantido por tratar-se de escrita “estilizada”: *Λεουqυαλλεϋ Яοδγι*.

Segundo os depoimentos, todos os entrevistados utilizam alguma ferramenta de comunicação. EP, Ton, Manea, Jesk e Fell usam sites de relacionamentos como Orkut e *SurdosOL* e softwares de comunicação através da internet como o MSN. O software *Oovoo*, em LIBRAS, é utilizado por EP e Jesk. Todos afirmaram ter um computador com acesso à internet em casa.

Também outras tecnologias de informação que permitem a comunicação entre surdos e entre estes e pessoas ouvintes, por terem possibilidade de comunicação na linguagem visual, são utilizadas, como televisão com *closed caption*, celular para envio de torpedos/mensagens via SMS. É utilizado *laptop* pelo entrevistado Fell. O uso de sinalizador de campainha foi mencionado por EP. Ton, Manea e Fell disseram possuir televisão em casa.

Dentre os entrevistados que já nasceram surdos, Fell, Jesk, EP e Ton, dizem que utilizam a *webcam* (imagem em tempo real que permite a comunicação por Libras) para se comunicar com outros surdos e pessoas ouvintes que saibam Libras pois, segundo eles, esta ferramenta facilita a compreensão.

Eles também utilizam o MSN como meio de comunicação tanto no modo de mensagens escritas como também utilizando a *webcam*. Apenas Jesk não tem *webcam* em sua casa. Em seu depoimento, ela explica que usa tal recurso quando está fora de casa, em outros locais onde exista esta ferramenta. Quando questionada sobre o modo de comunicação em Libras através do *webcam*, Jesk responde que gosta pois é mais fácil e diz que a escrita em língua portuguesa é mais difícil para os surdos.

#### **4 AS DIFERENTES LINGUAGENS UTILIZADAS PELOS SURDOS NA INTERNET**





Manea parecia ter dificuldades em significar os desenhos por não dominar aquelas representações de imagens, talvez por não ter precisado delas durante longo período de sua vida, ou simplesmente por não saber manuseá-las naquele contexto. Em nenhum momento utilizou *emoticons* e ele mesmo afirmava preferir a comunicação com ouvintes, através de leitura labial.

Enquanto Manea, que já tinha sido ouvinte, demonstrava ter um domínio do sistema alfabético de escrita e apresentava dificuldades na comunicação por imagens, os entrevistados que afirmavam terem nascido surdos tinham mais facilidade em dominar as imagens e necessitavam de exemplos e explicações dados pelo entrevistador para auxiliar na compreensão das perguntas escritas em língua portuguesa.

Em outro momento da entrevista, Manea explica que não conhece pessoas surdas a não ser de modo virtual, pelo *SurdosOL*, ou seja, só conversa com pessoas surdas através da internet, pelo MSN.

Uma característica de comunicação da comunidade surda é o uso da linguagem visual. Mesmo que Manea não tenha domínio sobre a língua de sinais e prefira a leitura labial, ele utiliza o visual para comunicar-se na internet na modalidade escrita, mas para uma comunicação de compreensão de palavras em língua portuguesa. Portanto, o uso que ele faz do visual, das imagens, é muito diferente do uso que os outros surdos, que usam a imagem como designação de objetos, ações, etc, o fazem. Manea prefere a comunicação escrita na Internet devido a sua primeira língua materna ser o português, e não a Libras.

Por outro lado, Manea afirma que, na internet, é mais fácil a comunicação porque é só escrever, evitando a repetição das palavras e gestos necessários para a compreensão na leitura labial, que ele utiliza presencialmente para se comunicar com pessoas ouvintes. A comunicação é mais dinâmica, pois se estivesse conversando pessoalmente, precisaria de um esforço maior para compreender o que o ouvinte diz e também um esforço maior para se fazer entender, pois teria que usar expressões labiais sem emissão de sons convencionais da língua dos ouvintes. Ou seja, usa a modalidade de leitura visual para “ler os movimentos dos lábios” e, caso não consiga compreender, solicita à pessoa com quem está dialogando que se expresse de modo mais lento ou que mencione sinônimos das palavras. Quando questionado sobre o auxílio que a internet pode representar para a comunicação entre as pessoas, ele responde com as seguintes frases no MSN: “não precisa falar e só escrever”; “evita repetição de palavras”; “pois para entender leitura labial

tem que ver o movimento dos lábios do interlocutor”; “na internet não falamos apenas escrevemos daí a facilidade de se comunicar”

(17:53) **Manea:** veja eu e voce nos entendemos via internet mas pessoalmente ja seria diferente

(17:54) *Λευγαλλευ Υοδαι:* **PQ SERIA DIFERENTE PESSOALMENTE A COMUNICAÇÃO** 

(17:56) **Manea:** por que eu vou me concentrar mais para te entender e caso não consigo voce vai repetir a mesma palavra

(17:57) **Manea:** ou mencionar um sinonimo

(17:57) **Manea:** aqui e so ler

Portanto, para Manea, que já teve a possibilidade de audição, a internet possibilita uma melhor comunicação, através da escrita, até mesmo diminuindo algumas dificuldades enfrentadas na comunicação presencial cotidiana.

Por outro lado, pelas entrevistas realizadas, pode-se dizer que as pessoas que disseram ter nascido surdas tenderam a ter mais facilidade de comunicação com o uso de ferramentas digitais que contivessem linguagens visuais/imagéticas como EP, Ton, Jesk e Fell. Em momento algum da entrevista solicitaram explicações sobre os significados dos *emoticons* e até mesmo utilizaram estes símbolos imagéticos para se comunicar com o entrevistador como pode ser visto na mensagem abaixo, enviada por EP com a utilização de um *wink*<sup>9</sup> em forma de “piscadela”:

“(16:59) **estou pesquisa:** *Enviou uma piscadela:* .”

Além disso, estes sujeitos disseram preferir a comunicação pela *webcam*, em Libras, pois têm a possibilidade de visualizar o outro, parceiro da comunicação, utilizando a língua de sinais ou mesmo outros gestos faciais.

Ainda que algumas linguagens facilitem a comunicação para as pessoas surdas, os depoimentos dos entrevistados demonstram que não há uma exclusividade em seu uso. Em uma das entrevistas, quando perguntado sobre os tipos de linguagens utilizados pelos surdos para se comunicar na internet, EP explica que usa a “imagens de Libras, texto letramento, contexto de Libras.” EP salienta ainda que considera importante para o surdo que, além da Libras, aprenda também a língua portuguesa, colocando-se a favor da proposta de bilinguismo

---

<sup>9</sup> Outra forma de *emoticons*. Espécie de animação com movimentos e efeitos sonoros que aparecem nas janelas de bate-papo quando acionados por um dos participantes. Também expressa o estado psicológico, sentimentos e emoções durante a conversa *online*. Os *winks* são maiores do que os *emoticons* e, por isso, também são conhecidos como *emoticons* gigantes.

Em uma de suas mensagens pelo MSN, o entrevistado Jesk relata que a comunicação por texto com imagens é melhor porque há um contexto, semelhante a uma história em quadrinhos, o que facilita a compreensão. Jesk explica que há imagens e textos na apostila do Curso Técnico em Eletrônica que ela está cursando no SENAI. Expõe também que encontra imagens e textos no *site* de rede social Orkut, e que tenta compreender utilizando imagens e textos escritos como contextos, segundo ela “pq eu entrende tentar imagens e textos é contexto”<sup>10</sup>.

Fell salienta que usa textos, textos com imagens, *emoticons* para se comunicar e compreender. Quando perguntado sobre o porquê dessa variedade de linguagens, ele responde que é devido ao fato dos surdos terem certa dificuldade na escrita da língua portuguesa, como por exemplo, de fazer redação em português.

Pelos depoimentos de Jesk, Fell e EP, as dificuldades dos surdos em escrever utilizando a língua escrita portuguesa levam a utilizar também outros tipos de linguagens. Devido ao fato das tecnologias digitais terem muitos recursos multimídia, pode-se pensar que elas favorecem a comunicação entre os surdos e entre estes e os ouvintes. Esta hipótese é também levantada por Strobel (s/d) e Rosa e Cruz (2001), em suas pesquisas, que dizem que as tecnologias, em especial a internet, estão melhorando as condições de vida da comunidade surda porque possibilitam o acesso a informações como notícias, pesquisas, estudos, entre outras, devido à possibilidade de usos de imagens, leituras de textos escritos e textos-imagens, que produzam efeitos visuais e que podem facilitar a compreensão.

Um ponto que mostra a vocação natural da Internet para a inserção do surdo é a possibilidade de se dispor de recursos visuais, como animação de imagens e sinais gráficos, que são de muito fácil compreensão para o surdo, visto que a língua com que se comunicam (a língua de sinais) é uma língua espaço-visual. (ROSA & CRUZ 2001, p. 43 e 44).

## **5 A INTERNET COMO FONTE DE PESQUISA, LEITURA, COMUNICAÇÃO E ENTRETENIMENTO**

Os entrevistados afirmaram utilizar também o Orkut como meio de comunicação, deixando recados na “página de recados” de seus amigos, por exemplo. Segundo Ton, estes recursos permitem uma maior união entre os participantes da comunidade de surdos.


---

<sup>10</sup> *Ipsis litteris*

Ton e Fell ressaltam ainda que o Orkut e o MSN ajudam os surdos na comunicação com outras pessoas, sejam surdas ou não, e que, além disso, a internet pode ajudar o surdo a conhecer a cultura surda de vários lugares.

Na entrevista, Fell explica que ganhou um livro de uma amiga que é professora de surdos nos Estados Unidos. Traz um exemplo da ASL (*American Sign Language*) que é a língua de sinais americana, mostrando que há variações linguísticas entre países diferentes. Também explica que há diferenças na Libras utilizada em diversos lugares do Brasil, dando exemplo de dois surdos do Ceará, onde reside sua família.

Outros depoimentos como de EP, de Ton e de Jesk permitem observar que, além da comunicação entre amigos e parentes, o computador e a Internet também são utilizados para fazer pesquisas, jogar, buscar estágios, procurar vagas em concursos públicos para pessoas deficientes, assistir vídeos em sites como *Youtube*, contatar com a família, etc. Neste sentido, Rosa e Cruz (2001) referem-se à internet como uma espécie de “telefone visual” para os surdos.

O entrevistado EP diz que “<sup>11</sup> tem grupos tem igreja” que mantém contato com este grupo e que considera importante esta comunicação: “mais importante contato junto viver sempre”.

Já Fell diz participar de grupos de surdos na rede porque gosta de estar em contato e conhecer outros surdos, de outras comunidades, de conhecer outras culturas surdas, além de entrar em *sites* de comunidades surdas de sua região para ver horários de programação cultural da semana, como passeios, palestras, data das provas, dentre outras informações.

Jesk participa de grupos de surdos na Internet através do *site* de relacionamento Orkut. Afirma usar mais o *site* de relacionamento Orkut do que o *SurdosOL*, devido a este último ser ainda pouco conhecido. Jesk concorda com o entrevistador quanto à necessidade de maior divulgação do software *SurdosOL*.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos dos cinco surdos entrevistados via MSN explicitam como vantagem do uso das TICs, e principalmente da Internet, a possibilidade de se sentirem incluídos em novos

---

<sup>11</sup> *Emoticon* que faz movimentos afirmativos.

espaços sociais, o que é confirmado pelas pesquisas de Rosa e Cruz (2001), Parise (2008), Thoma e Pellanda (2006) que compreendem que as tecnologias de informação e comunicação (TICs), efetivamente, estão se constituindo como elemento potencializador de uma inclusão dos surdos na sociedade.

Dentre as vantagens citadas pelos entrevistados estão os conteúdos do ciberespaço apresentados em diferentes linguagens visuais e escritas o que facilita a leitura e interpretação de textos, a busca por informações sobre empregos, notícias em jornais, etc., a comunicação *online* entre surdos e entre estes e ouvintes em softwares como MSN e *Oovo*, por exemplo.

Uma conclusão deste estudo é que diferentes tipos de surdez podem significar preferências por diferentes tipos de linguagens na comunicação na internet. Quatro pessoas entrevistadas que, segundo seus depoimentos, haviam nascido surdas, tendiam a utilizar mais os recursos visuais da Internet, especialmente as imagens, ou mesmo imagens associadas a textos escritos, além da ferramenta *webcam*, que auxilia a comunicação entre surdos em língua de sinais via Internet. Por outro lado, o entrevistado que havia perdido a audição, preferia se comunicar através do recurso dos textos escritos. Neste sentido, parece possível dizer que as TICs criam possibilidades de inserção das pessoas surdas no que Goldfeld (1997), chama de “Comunicação Total”. Ou seja, a proposta de utilização de todas as formas possíveis de interação, privilegiando a comunicação e não a língua.

Como dificuldade no uso das TICs, os entrevistados mencionaram seu alto custo de aquisição, manutenção e acesso para as pessoas surdas muitas vezes pertencente a camadas economicamente desfavorecidas da população brasileira. Este dado também corrobora com afirmações de Strobel (s/d), Souza et al. (2003), e outros pesquisadores. Nesta perspectiva, Strobel (s/d) afirma a necessidade de projetos governamentais de inclusão no mundo digital que viabilizem uma democratização do acesso.

O estudo realizado, ainda que inicial, mostra que as TICs, pelas suas características de multimídia, podem auxiliar na proposta do bilinguismo. A própria Libras é uma forma de comunicação na modalidade visual-gestual e as tecnologias digitais favorecem este tipo de comunicação. Além disso, várias outras formas de comunicação na Internet, utilizadas pelos surdos, são também na modalidade visual. Deste modo, o estudo trouxe indícios de que, principalmente a Internet, pode auxiliar no processo de aprendizagem de duas línguas, a Libras e uma segunda língua, corroborando com a proposta de educação bilíngue.



No Brasil, a aprovação da Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como língua materna dos surdos, e a sua regulamentação através do Decreto nº 5.626/2005, que determina que a Libras seja inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores em todas as licenciaturas, em nível médio e superior e nos cursos de fonoaudiologia, traz novas demandas ao campo educacional.

Tais demandas, somadas às pesquisas que tem comprovado a possibilidade de utilização das TICs como auxílio à comunidade surda na aprendizagem da Libras e da própria língua portuguesa, conduzem à necessidade de aprofundamento dos estudos teóricos e metodológicos dos processo de ensino-aprendizagem da comunidade surda via tecnologias digitais com vistas às práticas pedagógicas escolares, à medida que a comunidade surda já utiliza as TICs em seu cotidiano.

## **DIGITAL TECHNOLOGIES AND DEAF PEOPLES: MANNER OF INCLUSION IN SOCIETY**

### **ABSTRACT**

This project work examines some forms of communication of deaf people in contact with Digital Technologies of Information and Communication (TICs). The was interviewed five deaf from many party of Brazil. These deafs are parts the Deaf Social Network Virtual *SurdosOL*. The interviews were done by MSN, to talk about the question realize a short study of the movements of deaf education, thinking about the methods of teaching manual, oral and bilingual. These interviews, research studies on the use by the deaf communities. The interviews showed that they use the *SurdosOL* for communication, and many software and Internet communication. Thinking about interviews that deaf people have used both the written and visual language for communication between deaf and hearing people by digital technologies. Often these types of language are used in MSN. The interviews say that the Internet has been used by deaf people to learn LIBRAS and Portuguese, too. This research says the contemporary proposals for bilingual education in schools. Deaf people interviewed say the Internet help very much and they feel in new social spaces.

**Keywords:** digital technology; written and visual language; deaf communities. inclusion.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em 17 de março de 2009.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)> Acesso em 17 de março de 2009.

FERNANDES, Eulália. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

KOJIM, Catarina Kiguti & SEGALA, Sueli Ramalho. **Dicionário Língua de Sinais: A imagem do Pensamento**. São Paulo: Escala, 2002.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

PARISE, Eduardo Munhoz. **Feneis: Tecnologias para surdos**. 2008. Disponível em:  
<<http://assp.sur10.net/links/tecnologia-para-surdos/>> Acesso em 02 de junho 2009.

PERLIN, Gladis & STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em:  
<[http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos%20da%20Educa%E7%E3o%20de%20Surdos\\_Texto-Base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/fundamentos/Fundamentos%20da%20Educa%E7%E3o%20de%20Surdos_Texto-Base.pdf)> Acesso em 20 de março de 2009.

ROSA, Andréa da Silva & CRUZ, Cristiano Cordeiro. Internet: Fator de Inclusão da Pessoa Surda. **Revista Online da Biblioteca Joel Martins**. Campinas, v2, n3, p. 38-54, jun. 2001. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=1219>> Acesso em 16 de maio de 2009.

SOUZA, Vinícius Costa, AGUIAR, Márcia Rafaeli e PINTO, Sérgio Crespo C. S. **Desafios e Resultados de uma Experiência na Inclusão Digital de Surdos**. In: XIV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE. Rio de Janeiro, novembro de 2003. (artigo resumido)

STROBEL, Karin. Texto apresentado na ANDEF. Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos. Disponível em < <http://www.andef.org.br/noticias/noticias27.php>> Acesso em 24 de junho de 2009.

SURDOS ON-LINE. <[www.surdosol.com.br/](http://www.surdosol.com.br/)>.

THOMA, Adriana da Silva & PELLANDA, Nize Maria Campos. As novas tecnologias como mediadoras nos processos de in/exclusão dos surdos na escola e na sociedade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 119-137, jul./dez. 2006. Disponível em:  
<<http://www.perspectiva.ufsc.br>> Acesso em 25 de julho de 2009.



VASCONCELOS, Norma Abreu e Lima Maciel de Lemos. **Inclusão e realidade: um olhar sobre a pessoa surda.** 2006. (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB.

Recebido em 30 de maio de 2011. Aprovado em 16 de julho de 2011.